

## VOZES EM QUADRINHOS: O GÊNERO HQ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E PROTAGONISMO JUVENIL

Milena dos Santos<sup>1</sup>  
Gustavo Cunha de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** A Lei nº 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, visando promover a equidade racial e reconhecer as contribuições da população negra. Contudo, sua implementação enfrenta desafios, sobretudo na criação de práticas pedagógicas eficazes que integrem tais conteúdos ao currículo. O projeto "Vozes em Quadrinhos" buscou contribuir para superar essa lacuna por meio da produção de histórias em quadrinhos (HQs) por estudantes do Ensino Médio, em uma abordagem interdisciplinar. O objetivo foi analisar como a criação de HQs, no contexto da Educação Antirracista e da referida lei, constitui uma prática pedagógica eficaz para formar estudantes mais críticos e conscientes no combate ao racismo estrutural. Trata-se de uma Pesquisa-Ação de natureza qualitativa, cuja intervenção se baseou numa Sequência Didática. Os resultados indicam que o contato com autoras negras influenciou diretamente os enredos, fortalecendo o protagonismo juvenil. A criação colaborativa das HQs também fomentou competências socioemocionais, como empatia e cooperação, permitindo que os/as estudantes se tornassem protagonistas de suas próprias histórias e desenvolvessem uma consciência crítica sobre suas identidades e o mundo. Conclui-se que o projeto evidencia o potencial das HQs como uma ferramenta educativa inclusiva e eficaz, alinhada aos princípios de uma educação antirracista e intercultural.

**Palavras-chaves:** histórias em quadrinhos; educação antirracista; protagonismo juvenil; letramento racial crítico.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Email: [milena.snts@ufnt.edu.br](mailto:milena.snts@ufnt.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5652-0388>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9957543475393465>

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UNESP/Marília. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente vinculado ao PPGE/UFNT e ao ProfArtes/UFU. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq PQ-2. Email: [gustavo.araujo@ufnt.edu.br](mailto:gustavo.araujo@ufnt.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1996-5959>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3011641878605040>.

## VOICES IN COMICS: THE COMIC BOOK GENRE AS AN ANTI-RACIST PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES AND YOUTH EMPOWERMENT

**Abstract:** Law No. 10.639/2003 mandates the teaching of Afro-Brazilian history and culture, aiming to promote racial equity and recognize the contributions of the Black population. However, its implementation faces challenges, especially in creating effective pedagogical practices that integrate such content into the curriculum. The "Voices in Comics" project sought to contribute to overcoming this gap through the production of comic books by high school students, in an interdisciplinary approach. The objective was to analyze how the creation of comic books, in the context of Anti-Racist Education and the aforementioned law, constitutes an effective pedagogical practice to train more critical and conscious students in the fight against structural racism. This is a qualitative Action Research study, whose intervention was based on a Didactic Sequence. The results indicate that contact with Black female authors directly influenced the storylines, strengthening youth protagonism. The collaborative creation of the comics also fostered socio-emotional skills, such as empathy and cooperation, allowing students to become protagonists of their own stories and develop a critical awareness of their identities and the world. It is concluded that the project highlights the potential of comics as an inclusive and effective educational tool, aligned with the principles of anti-racist and intercultural education.

**Keywords:** comic books; anti-racist education; youth empowerment; critical racial literacy.

## Introdução

A linguagem visual das histórias em quadrinhos tem na imagem seu principal elemento constitutivo (Ramos, 2012). A partir dela e da criatividade do autor, é possível criar e narrar histórias verídicas ou fictícias que abordam diferentes temáticas. Por se tratar de uma linguagem artística e de uma forma de literatura, além de apresentar elementos estéticos e literários em sua estrutura, compreendemos que as histórias em quadrinhos também se enquadram como um gênero discursivo, uma vez que articulam linguagem verbal e não verbal no processo comunicativo.

A leitura das histórias em quadrinhos também se configura como um fenômeno social, comunicacional e histórico, pois envolve leitores de diferentes camadas sociais que são impactados por esse universo de imagens e textos que podem estar relacionadas ou não com os seus respectivos cotidianos (Santos; Neves, 2022). Nesse sentido, esta pesquisa enfatiza o potencial das HQs para promover espaços de diálogo, crítica e aprendizado acerca das relações étnico-raciais na escola (Andrade; Martins, 2026).

Ao discorrer sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (2011) pontua que estes se manifestam em meios diversos e variados. Dentre eles, destaca o gênero literário, afirmando que, na contemporaneidade, tem sido amplamente estudado sob o viés artístico. Nessa discussão, o autor enfatiza o papel do estilo, ao afirmar que este se relaciona diretamente ao enunciado e, conseqüentemente, aos gêneros do discurso.

Assim, a articulação entre linguagem verbal e não verbal, quando desenvolvida por meios criativos — neste caso, pelas histórias em quadrinhos — pode ampliar as formas de interação entre leitor e autor no discurso, possibilitando a compreensão da mensagem emitida pelo outro, além de ter a possibilidade de o leitor potencializar a sua interpretação crítica da realidade de forma contextualizada (Azevedo; Weirich, 2025). Contudo, para que isso ocorra, é necessário que o enunciado satisfaça “ao seu próprio objeto (ou seja, ao conteúdo do pensamento enunciado) e ao próprio enunciador. A língua só requer o locutor e o objeto de seu discurso” (Bakhtin, 2011, p. 289).

O projeto “Vozes em Quadrinhos”, objeto de estudo deste artigo, fundamenta-se na Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena, reforçando a necessidade de

uma abordagem intercultural no currículo escolar. Essa legislação constitui um marco importante na promoção da equidade racial e no reconhecimento das contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira. No entanto, sua implementação no contexto escolar ainda enfrenta desafios, especialmente no que se refere à elaboração de práticas pedagógicas eficazes que integrem, de forma significativa, os conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileira ao currículo.

Nesse sentido, o projeto de intervenção foi concebido como um esforço interdisciplinar, articulando as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs). Seu principal objetivo pedagógico é engajar os estudantes na discussão e no aprofundamento de temáticas complexas, como o racismo, o racismo estrutural e a formação de estereótipos, promovendo o combate efetivo ao bullying no ambiente escolar. Para isso, utilizou-se a criação de Histórias em Quadrinhos (HQs) como metodologia estratégica, considerando seu caráter lúdico e dinâmico (Silva; Araújo, 2025). Tal abordagem não apenas facilita a compreensão de um tema socialmente denso, como também potencializa o compartilhamento e a internalização de práticas antirracistas de forma mais acessível e envolvente, transformando a arte em um veículo de conscientização crítica e de transformação social.

Além dos aspectos cognitivos e críticos mobilizados pela proposta, destaca-se também o desenvolvimento de competências socioemocionais no processo formativo dos estudantes. Tais competências são compreendidas, neste estudo, conforme a OECD (2015), como habilidades relacionadas à empatia, à cooperação, à autorregulação emocional e à tomada de decisões responsáveis. No contexto da produção colaborativa de histórias em quadrinhos, essas competências emergem de forma integrada às práticas pedagógicas, contribuindo para o fortalecimento do protagonismo juvenil e das relações interpessoais no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, o projeto configura-se como uma prática pedagógica inclusiva que contribui para o enfrentamento do racismo estrutural e para a promoção da cultura da paz, utilizando a arte como ferramenta educativa. Busca-se desenvolver, nos estudantes, uma consciência crítica e uma compreensão aprofundada das relações étnico-raciais, bem como a valorização da cultura afro-brasileira, por meio da criação de HQs que possibilitam a expressão de vivências, o fortalecimento da identidade negra e

a promoção do respeito às diferenças. A proposta também visa estimular o engajamento discente em temáticas como inclusão social e prevenção ao bullying, por meio da arte e do letramento literário e racial.

A escolha das HQs como metodologia central do projeto justifica-se por seu caráter multimodal, que permite a integração de diferentes linguagens — textual, visual e simbólica — de maneira envolvente e acessível aos estudantes. Conforme afirma Calazans (2004, *apud* Deffune, 2010, p. 161), as HQs possibilitam a abordagem de temáticas e conceitos em diversas áreas e níveis de aprendizagem, em razão de sua acessibilidade e do fato de serem amplamente consumidas pelos estudantes para fins de entretenimento e lazer, o que contribui para a redução de resistências. Segundo Vergueiro (2012, p. 26), “no caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”.

Ao proporcionar aos estudantes o contato com diferentes formas de reflexão sobre o combate ao racismo, subsidiadas pela Lei nº 10.639/2003, contempla-se, ao menos, três características fundamentais de uma educação antirracista: “reconhecer a existência do problema racial na sociedade brasileira; buscar permanentemente a reflexão sobre o racismo e seus desdobramentos no cotidiano escolar; e pensar meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial” (Cavalleiro, 2001, p. 158).

Desse modo, ao utilizar a arte como forma de expressão e reflexão, o projeto proporciona uma experiência educativa que extrapola a simples transmissão de conteúdos, atuando diretamente na promoção da inclusão social e na redução das desigualdades raciais e sociais no ambiente escolar. Além disso, fortalece a identidade dos estudantes, valoriza a diversidade cultural brasileira e contribui para a educação em direitos humanos.

O objetivo deste artigo, portanto, é analisar de que maneira a produção de Histórias em Quadrinhos, no contexto da Educação Antirracista e da Lei nº 10.639/2003, constitui-se como uma prática pedagógica eficaz para o desenvolvimento de estudantes mais críticos e conscientes no enfrentamento do racismo estrutural. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como uma Pesquisa-Ação, uma vez que analisa sistematicamente os resultados de uma intervenção pedagógica concreta —

o projeto “Vozes em Quadrinhos” — desenvolvida no contexto do Ensino Médio. A intervenção metodológica central baseou-se na Sequência Didática (SD), conforme preconizada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com vistas à apropriação do gênero Histórias em Quadrinhos e ao aprofundamento das discussões antirracistas.

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública de ensino médio em tempo integral no estado do Maranhão, envolvendo aproximadamente 189 estudantes do 1º ano do Ensino Médio, distribuídos em três cursos técnicos: Administração, Informática e Segurança do Trabalho. O perfil dos participantes apresenta uma ligeira predominância do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos. Trata-se de um grupo socialmente heterogêneo, composto por jovens residentes tanto em áreas periféricas quanto de classe média, sendo que a maioria se autodeclara parda — dado relevante para o monitoramento das relações étnico-raciais propostas pela Lei nº 10.639/2003.

A intervenção pedagógica ocorreu ao longo de um semestre letivo (seis meses), com carga horária de uma hora-aula semanal destinada ao desenvolvimento das atividades do projeto. Como instrumentos de coleta de dados, utilizaram-se a observação participante (Thiollent, 2018), realizada durante as etapas da Sequência Didática (SD), e a análise documental das Histórias em Quadrinhos produzidas pelos estudantes. Para o tratamento e a interpretação dos dados, aplicou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2015), o que possibilitou a categorização das temáticas emergentes — como racismo estrutural, estética negra e empoderamento — e a avaliação do impacto da prática pedagógica no letramento racial crítico dos participantes.

### **Educação Antirracista e o Potencial Crítico das HQs**

A Educação Antirracista emerge como uma abordagem pedagógica essencial que ultrapassa a mera tolerância, exigindo da escola uma postura ativa no combate à discriminação. Conforme postulado por Angela Davis, “não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. O termo antirracista surge no Brasil em estudos ligados a pesquisas antropológicas; contudo, é em 2001 que o conceito passa a ser direcionado de forma mais sistemática ao contexto educacional, com a publicação do livro *Racismo*

e antirracismo na educação: repensando a escola, organizado por Eliane Cavalleiro. A obra reúne dez artigos que discutem o racismo no âmbito escolar, bem como as formas de enfrentá-lo e combatê-lo (Ferreira, 2018; 2019).

Nesse contexto, torna-se necessário compreender o racismo para além de manifestações individuais. O racismo estrutural é entendido, neste estudo, a partir de Almeida (2019), como um sistema de organização social que produz e reproduz desigualdades raciais de forma institucionalizada, atravessando práticas, discursos e instituições. Tal compreensão permite analisar o ambiente escolar não apenas como espaço de reprodução, mas também de enfrentamento dessas estruturas.

Consequentemente, ao destacarmos o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, o incentivo à leitura não é apenas promovido aos estudantes, visto que eles têm a oportunidade de questionar injustiças e a compreender como as HQs podem ser importante recurso didático e pedagógico para promover uma educação antirracista (Andrade; Martins, 2026).

Observa-se que a própria Lei nº 10.639/2003 antecede a consolidação do conceito de Educação Antirracista no campo educacional, evidenciando que o racismo nas escolas já vinha sendo denunciado e problematizado há muito tempo pelo movimento negro brasileiro. Tal fato reforça a necessidade de compreender a instituição escolar como um espaço de diálogo e questionamento, capaz de mobilizar a comunidade educativa contra o racismo estrutural. Este, por sua vez, não deve ser entendido como um desvio individual, mas como um sistema que permeia normas, políticas e relações sociais. A escola, muitas vezes, acaba reproduzindo essa lógica ao priorizar currículos eurocêntricos. Nesse sentido, autores como Santos (2001, p. 106) defendem ser imperativo “corromper a ordem dos currículos escolares” que insistem em apresentar a produção cultural europeia como o único conhecimento científico válido, transformando a prática educativa em um potente instrumento de desconstrução racial.

O conceito de antirracismo adotado neste trabalho fundamenta-se em Cavalleiro (2001). Para a autora, a prática antirracista é aquela que:

[...] visa à erradicação do preconceito, das discriminações e dos tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e

de apoio discente, docente etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra. (Cavalleiro, 2001, p. 141).

Mais do que o combate direto à discriminação, a Educação Antirracista deve estar intrinsecamente relacionada à construção e à valorização da identidade dos estudantes. É nesse contexto que se insere a perspectiva de bell Hooks (2024), para quem a educação é uma prática de liberdade. Ao promover um ambiente de acolhimento e de escuta ativa, a escola possibilita que os estudantes se vejam e se reconheçam no currículo e nas atividades propostas. Isso se torna ainda mais relevante quando se considera que o racismo, conforme conceituado por Gomes (2005, p. 52), é:

[...] por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo etc. Por outro lado, é um conjunto de ideias e imagens referentes a grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Dessa forma, o desenvolvimento de projetos que visam ao antirracismo, por meio de expressões artísticas e textuais, pode fortalecer a construção identitária e promover o protagonismo juvenil, garantindo que os estudantes, especialmente os negros, desenvolvam sua autoestima e se tornem narradores e sujeitos ativos de suas próprias histórias de resistência. Considerando que o racismo está diretamente associado a estereótipos e ideias preconcebidas, historicamente aprendidas e reproduzidas em diversos espaços sociais — inclusive no ambiente escolar —, torna-se imprescindível um olhar crítico para a erradicação dessas práticas.

Almeida (2018, p. 25) define o preconceito racial como “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”. Nesse sentido, o estereótipo configura-se como um dos principais entraves para a efetivação de uma educação antirracista, o que reforça a necessidade de a escola se constituir como um espaço de promoção do Letramento Racial Crítico. Este é definido por Ferreira (2019, p. 138) como: “[...] refletir sobre raça e racismo, possibilitando-nos compreender como essas

categorias são tratadas em nosso cotidiano e o quanto impactam nossas identidades sociais e nossas vidas”.

Para que os objetivos do Letramento Racial Crítico sejam alcançados e para que o combate aos estereótipos se efetive na prática pedagógica, faz-se necessária uma estrutura de ação bem definida. Nessa perspectiva, Cavalleiro (2001) aponta que a Educação Antirracista deve orientar a prática docente a partir de oito características fundamentais:

Reconhecer a existência do problema racial na sociedade brasileira. Buscar permanentemente a reflexão sobre o racismo e seus desdobramentos no cotidiano escolar. Repudiar qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar, zelando para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos, sejam respeitadas. Não desprezar a diversidade presente no ambiente escolar, utilizando-a para promover a igualdade e encorajar a participação de todos/as os/as alunos/as. Ensinar às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira. Buscar materiais que contribuam para a eliminação do eurocentrismo dos currículos escolares e que contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de temas relacionados à população negra. Pensar meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial. Elaborar ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados (Cavalleiro, 2001, p. 158).

Para que essas diretrizes se concretizem, o processo de descolonização curricular e o enfrentamento dos estereótipos devem ser sustentados por ferramentas pedagógicas que sejam, simultaneamente, familiares aos estudantes e capazes de abarcar a complexidade da discussão. Nesse contexto, torna-se fundamental mobilizar um gênero textual que rompa com a primazia do texto verbal tradicional e possibilite a expressão da diversidade e da identidade por meio de múltiplas linguagens. É nesse cenário que se inserem as Histórias em Quadrinhos (HQs), cujo potencial multimodal e acessível as configura como um meio privilegiado para a crítica aos estereótipos, a valorização da identidade negra e a construção de narrativas de empoderamento e resistência (Silva; Araújo, 2025).

No contexto brasileiro contemporâneo, as histórias em quadrinhos têm sido mobilizadas como instrumento de denúncia e reflexão crítica sobre as relações raciais. Cartunistas como Marcelo D'Saete, Triscila Oliveira e Leandro Assis desenvolvem

narrativas que tensionam o racismo estrutural, a violência histórica e os processos de invisibilização da população negra. A incorporação dessas produções no contexto escolar pode ampliar o repertório estético e político dos estudantes, contribuindo para uma formação crítica alinhada à Educação das Relações Étnico-Raciais.

A adoção das HQs como metodologia justifica-se por sua adequação ao público juvenil e pela potência de sua linguagem multimodal. O gênero, que articula texto, imagem e simbologia de maneira envolvente, é amplamente consumido pelos estudantes em contextos de lazer, o que contribui para a redução das resistências pedagógicas e facilita a abordagem de conceitos complexos em diferentes níveis de aprendizagem (Silva; Araújo, 2025).

Will Eisner (2005, p. 5) define as histórias em quadrinhos como uma “arte sequencial”, isto é, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”. Contudo, a funcionalidade da HQ extrapola a mera atração visual, pois seu potencial reside na capacidade de engajar o estudante de forma ativa no processo de aprendizagem. Conforme destaca Araújo (2013), o gênero estimula a construção do conhecimento, favorecendo tanto a leitura quanto a produção de narrativas.

Esse processo mostra-se fundamental para o desenvolvimento intelectual e para a qualificação da relação do estudante com o mundo social. A pertinência das HQs como recurso metodológico manifesta-se plenamente quando seu uso é intencional e sistemático, transformando o processo de criação em uma construção contínua e organizada do conhecimento, mediada pelo professor. No contexto da Educação Antirracista, tal aspecto é decisivo, pois, ao facilitar a comunicação, as HQs possibilitam que experiências individuais — como o racismo vivenciado — e coletivas — como a história de resistência negra — sejam assimiladas e compartilhadas de maneira potente, estimulando o diálogo e a criticidade (Araújo, 2013).

A versatilidade do gênero HQ garante sua aplicabilidade em diferentes contextos pedagógicos. Parte-se do pressuposto de que seu aproveitamento em sala de aula está diretamente relacionado à criatividade e à intencionalidade docente. Vergueiro (2012, p. 26) reforça essa ideia ao afirmar que “no caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus

objetivos de ensino”. Assim, a escolha das HQs como prática pedagógica antirracista configura-se como uma estratégia consciente para promover o engajamento dos estudantes e o aprofundamento das discussões propostas pela Lei nº 10.639/2003.

Além dessa flexibilidade, o gênero apresenta uma vantagem socio pedagógica relevante: sua familiaridade com o público juvenil. Calazans (2004, *apud* Deffune, 2010, p. 161) destaca que as HQs, por serem amplamente consumidas pelos jovens para fins de lazer, tornam-se acessíveis e eficazes na redução das resistências frequentemente associadas à abordagem de temas complexos ou a métodos tradicionais de ensino. Tal acessibilidade é especialmente significativa no contexto da Educação Antirracista, pois favorece a construção de um diálogo mais orgânico sobre racismo, identidade e resistência, contribuindo para a efetivação do Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2019).

Quando as HQs trazem à tona temas como racismo e desigualdade, abrem espaço também para a construção da empatia, permitindo que os estudantes compreendam diferentes pontos de vista e reconheçam a importância do respeito às diferenças. O uso pedagógico dos quadrinhos ultrapassa a função de recurso didático complementar, constituindo-se como uma estratégia relevante para a recomposição da aprendizagem, a formação de leitores mais conscientes e o engajamento dos(as) estudantes em uma postura crítica diante das relações étnico-raciais na sociedade. (Andrade; Martins, 2026, p. 18).

Em síntese, o trabalho com o gênero Histórias em Quadrinhos constitui uma resposta metodológica à urgência da Educação Antirracista. Reconhecidas como arte sequencial (Eisner, 2005) e como ferramenta de construção contínua do conhecimento (Silva; Araújo, 2025; Araújo, 2013), as HQs oferecem a linguagem multimodal necessária para romper com o eurocentrismo curricular e combater estereótipos, conforme defendido por Cavalleiro (2001). Desse modo, a produção de HQs torna-se um espaço em que o estudante, como protagonista e narrador, transforma a prática de liberdade em consciência crítica (Hooks, 2024).

### **A Sequência Didática (SD) do Projeto “Vozes em Quadrinhos”**

O projeto Vozes em Quadrinhos adota uma abordagem pedagógica qualitativa e interdisciplinar, utilizando a Sequência Didática (SD) proposta por Dolz, Noverraz e

Schneuwly (2004). Essa abordagem permite que as atividades sejam planejadas de forma sistemática, respeitando o ritmo e as necessidades de cada estudante. Conforme afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 92), “as SD maximizam, pela diversificação das atividades e dos exercícios, as chances de cada aluno se apropriar dos instrumentos e das noções propostas, respondendo, assim, às exigências de diferenciação do ensino”. O projeto foi desenvolvido ao longo de um semestre letivo, com duração aproximada de seis meses.

O projeto de intervenção envolveu três turmas do 1º ano do Ensino Médio, que cursavam concomitantemente o Ensino Técnico em uma instituição de tempo integral. A amostra foi composta por estudantes de diferentes eixos tecnológicos: Informática, Segurança do Trabalho e Administração. O grupo de participantes caracteriza-se por acentuada heterogeneidade, abrangendo os estudantes de distintas classes sociais e confissões religiosas. Ademais, a origem geográfica dos estudantes é diversificada, incluindo residentes da zona urbana, da zona rural e de municípios circunvizinhos à sede da instituição, o que confere ao contexto escolar uma rica pluralidade de experiências e trajetórias sociais.

A metodologia adotada integrou as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), tendo como foco o envolvimento ativo dos estudantes nos processos de aprendizagem e de produção. A Sequência Didática é definida como “um conjunto de atividades escolares planejadas e organizadas, de maneira sistemática, em torno de um objeto de ensino” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82), que, neste estudo, corresponde à produção do gênero Histórias em Quadrinhos (HQs).

A sequência didática criada para o desenvolvimento do projeto seguiu as seguintes etapas:

- **APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO:** Envolveu a conscientização sobre o motivo da produção, roda de conversa sobre racismo e inclusão e pesquisa sobre o gênero HQ.
- **PRODUÇÃO INICIAL:** Incluiu leitura de textos literários e teóricos sobre questões étnico-raciais, análise de HQs com temas de racismo, inclusão e empoderamento, pesquisa de HQs na comunidade escolar e a criação de uma primeira versão da HQ.
- **MÓDULO 1: ESTRUTURA COMPOSICIONAL DA HQ:** Focado no reconhecimento dos recursos gráficos (quadros, balões, onomatopeias) e elementos narrativos

(personagens, enredo, imagens) para transmitir mensagens de resistência e empoderamento.

- **MÓDULO 2: LINGUÍSTICA TEXTUAL:** Abordou sequências narrativa e dialogal, tipos de frases e pontuação, e o uso de interjeições e expressões para comunicar emoções de resistência e empoderamento.
- **MÓDULO 3: TEMAS SOCIAIS E CULTURAIS:** Discussão sobre temas interculturais relacionados ao racismo e à inclusão social, e como a diversidade e a identidade racial podem ser representadas nas HQs.
- **PRODUÇÃO FINAL:** Finalização da HQ com temas como empoderamento negro, resistência ao racismo e valorização da identidade negra. O trabalho culminou na criação de um livro digital com as produções e exposição para a comunidade escolar.

### **Análise e Discussão dos Resultados: Vozes, Resistência e Identidade nas HQs dos Estudantes**

O projeto demonstrou que a utilização das HQs, com sua linguagem multimodal, ofereceu uma oportunidade de engajamento dinâmico, estimulando o desenvolvimento das habilidades críticas e criativas dos estudantes. As HQs produzidas abordaram temas centrais como racismo, resistência, empoderamento e memória, permitindo que os estudantes se conectassem com suas identidades e com a história da população negra no Brasil. Veja abaixo um quadro com os títulos e o tema central das histórias trabalhos no projeto:

**Quadro 1** - Títulos e temas das histórias em quadrinhos produzidas.

| <b>Título da História em Quadrinho</b> | <b>Assunto/Tema central abordado</b>                                                                                                               |
|----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Amizade e respeito                     | Combate ao preconceito, valorização da diversidade, e a importância da amizade e do respeito mútuo nas relações interpessoais.                     |
| Brilhando além dos padrões             | Crítica aos padrões de beleza eurocêtricos, luta contra o racismo estético, e busca pela autoestima e empoderamento feminino negro.                |
| O Eletric                              | Preconceito racial, falsa acusação e estigma social que leva um homem negro ao sistema prisional. Trata de justiça e busca por inocência.          |
| A cor me persegue                      | Discriminação e racismo institucional na escola e na vida profissional (medicina), destacando a resiliência e autoafirmação diante do preconceito. |

|                          |                                                                                                                                                        |
|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Além da cor da pele      | Racismo no ambiente escolar, a coragem de denunciar a discriminação e o processo de superação e conscientização.                                       |
| Amizade e respeito       | Combate ao preconceito, valorização da diversidade, e a importância da amizade e do respeito mútuo nas relações interpessoais.                         |
| Juntos somos mais fortes | Exclusão social e o reconhecimento de que a diversidade e a união tornam as comunidades mais fortes e inclusivas.                                      |
| Minha cor                | Racismo em sala de aula (professor/aluno), o impacto do preconceito na criança negra e a necessidade de ação e punição contra agressores na escola.    |
| O caos do preconceito    | Preconceito generalizado como causa de colapso social, e a revolta dos grupos oprimidos contra a estrutura de opressão.                                |
| Meu nome é Jack          | Estereótipo do negro criminoso, a solidão, e a frustração de ser julgado mesmo ao tentar agir como herói.                                              |
| Sonhos roubados          | Violência policial e racismo estrutural que resulta em mortes de jovens negros, culminando em protesto e busca por justiça social.                     |
| A presa que libertou     | Desumanização e caça a pessoas negras, destacando a dignidade e o confronto direto do negro contra o racismo e a hipocrisia.                           |
| A voz de Maju            | Cyberbullying, injúria racial sofrida por uma personalidade pública negra e a importância da ação legal e do apoio social no combate ao racismo.       |
| Pele e profissão         | Racismo no mercado de trabalho e o preconceito contra mulheres negras em posições de liderança, reafirmando o valor do talento e dedicação individual. |

**Fonte:** Autores (2025), dados da pesquisa.

O contato com autoras negras e suas obras influenciou diretamente os enredos das Histórias em Quadrinhos (HQs), fortalecendo o protagonismo juvenil. Além disso, a criação colaborativa das HQs contribuiu para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, respeito, tolerância e cooperação. Esse processo foi importante para a aprendizagem desses estudantes, pois possibilitou que eles se tornassem protagonistas de suas próprias histórias, desenvolvendo uma consciência crítica acerca de suas identidades e de sua relação com o mundo. O potencial criativo das HQs é potencializado nesse processo, uma vez que “as HQs oferecem oportunidades para explorar métodos educacionais inovadores, ao possibilitarem que os professores adotem abordagens mais criativas e interativas em sala de aula” (Azevedo; Weirich, 2025, p. 3).

Consequentemente, esse aspecto é relevante, uma vez que as HQs não devem reproduzir modelos estereotipados de personagens descontextualizados da cultura

brasileira, como frequentemente se observa, mas sim valorizar modelos heroicos mais próximos da realidade social dos leitores (Lopes, 2012).

A relevância do conhecimento de mundo dos estudantes para a construção de narrativas antirracistas pode ser observada de forma emblemática na HQ intitulada A Voz de Maju. Essa história baseia-se no notório caso de injúria racial sofrida pela jornalista Maju Coutinho, episódio de grande repercussão nacional que mobilizou debates acerca do cyberbullying e do racismo nas mídias sociais. Ao selecionar um evento de domínio público e de forte impacto midiático, os estudantes demonstraram ter assimilado uma experiência coletiva (Araújo, 2013), aplicando sua reflexão sobre o racismo a um contexto social mais amplo. Tal escolha evidencia o alcance do Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2018; 2019), ao trazer para o espaço pedagógico, de forma crítica, uma problemática socialmente disseminada. No recorte apresentado a seguir, observa-se a representação do ato de injúria sofrido pela jornalista, posteriormente confrontado pela narrativa de resistência construída pelos próprios estudantes:

**Figura 1** – Recorte da HQ “A voz de Maju”.



1

**Fonte:** Autores (2025), produção dos estudantes, dados da pesquisa.

Figura 2 – Recorte da HQ “A voz de Maju”.



4

Fonte: Autores (2025), produção dos estudantes, dados da pesquisa.

Os elementos multimodais presentes nesses quadrinhos — como cores, enquadramentos e expressões faciais — foram mobilizados pelos estudantes para transmitir sentimentos de dor e resistência, bem como para representar os processos de denúncia e enfrentamento dos discursos racistas presentes na sociedade.

Ademais, a narrativa de A Voz de Maju transcende a simples reprodução do fato, uma vez que utiliza um caso amplamente conhecido para educar sobre os mecanismos de denúncia e a relevância do apoio institucional e jurídico no combate ao crime de injúria racial. A escolha temática reforça o argumento de que a Educação Antirracista deve reconhecer e mobilizar as referências midiáticas e sociais dos estudantes como estratégia para a promoção da igualdade (Cavalleiro, 2001),

convertendo o trauma coletivo em uma potente ferramenta de conscientização e mudança de comportamento.

Observa-se, ainda, que a condução narrativa nos quadrinhos ocorre por meio da mediação dos personagens, os quais orientam o leitor ao longo do desenvolvimento da história (Ramos, 2012). Essa perspectiva ganha consistência ao se considerar que a expressão facial dos personagens e seus movimentos ao longo das ações narradas contribuem significativamente para guiar a leitura. Além disso, elementos externos aos rostos dos personagens também auxiliam na socialização das emoções representadas. Esse aspecto é relevante também nessa análise, uma vez que essa qualidade narrativa promovida pelas HQs “permite ao leitor usar a imaginação e viajar entre várias jornadas de descobertas, aprender valiosas lições através da produção e reprodução do conhecimento, até melhorar sua relação com o mundo” (Santos; Neves, 2022, p. 7).

No que se refere aos balões, identificaram-se dois tipos característicos das HQs presentes na narrativa analisada: o balão de fala e o balão de pensamento. A esse respeito, Eisner (2010) destaca que a principal função dos balões é representar o som por meio do enquadramento da fala do personagem. Essa representação resulta da combinação entre o que é visto e o que pode ser ouvido, configurando a imagem da fala. A organização dos balões seguiu a dinâmica narrativa, exigindo do leitor atenção para a leitura sequencial, geralmente iniciada pelo personagem que fala primeiro. Ressalta-se, ainda, que os balões contribuíram para a marcação do timing da narrativa, em função de sua posição e distribuição em relação às ações representadas.

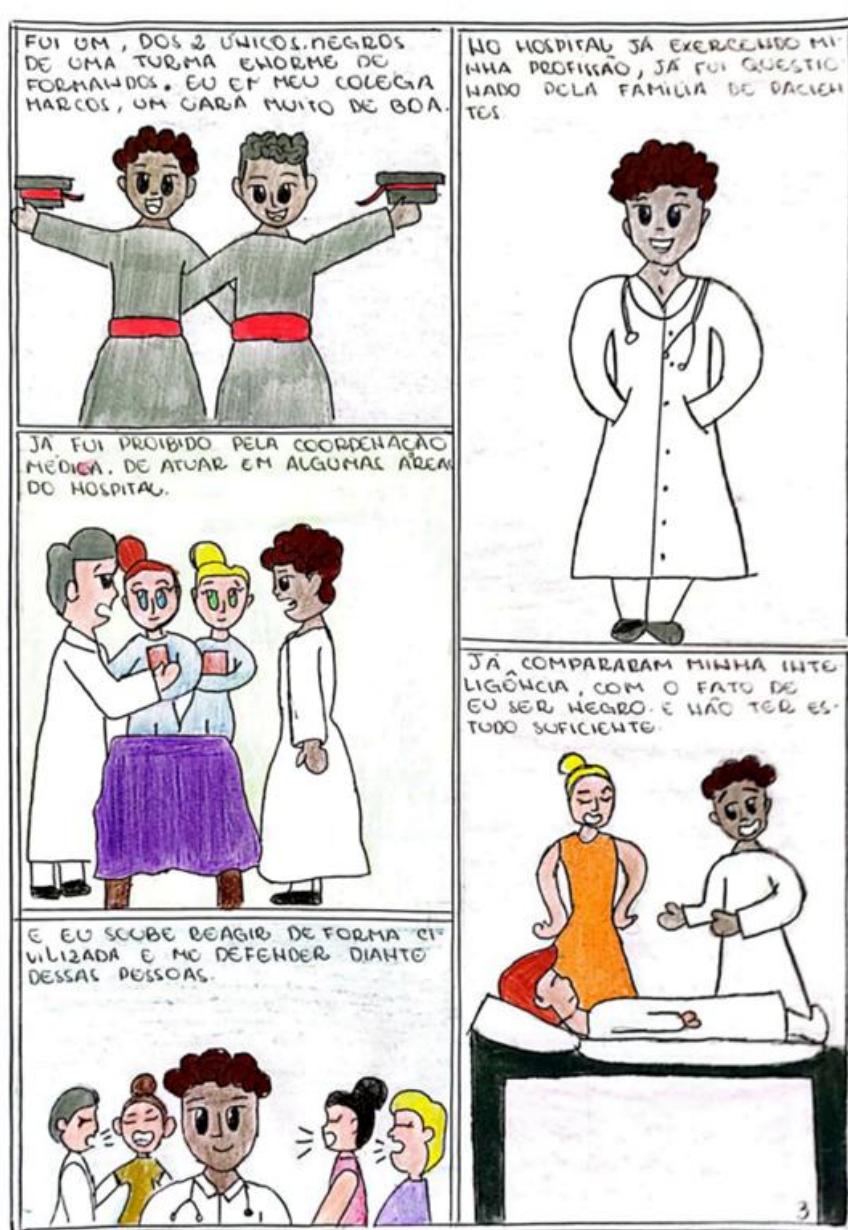
Sobre esse importante recurso visual, Silva (2009) descreve a existência de diferentes tipos de balões, entre os quais se destacam: balão-fala; balão-pensamento; balão-cochicho; balão-berro ou grito; balão-trêmulo; balão de linhas quebradas ou pontiagudas; balão vibrado; balão glacial; balão uníssono; ausência de balão; balões intercalados; balão mudo e balões duplos. O autor também descreve o rabicho ou apêndice como o recurso gráfico que direciona o balão ao personagem que fala ou pensa, aproximando os elementos visuais e verbais e podendo assumir diferentes formas, conforme a criatividade do autor e as necessidades narrativas.

Destaca-se que o conteúdo dos balões articula elementos verbais e visuais, embora a dimensão verbal se apresente de forma predominante nas histórias em quadrinhos. Essa constatação é importante, pois “a leitura, de modo geral, pode

influenciar no comportamento dos indivíduos, agregando valor informativo, reflexivo e de conhecimento para além do simples entretenimento” (Santos; Neves, 2022, p. 6).

A temática da reafirmação identitária também se evidencia na HQ “A cor me persegue”, na qual o personagem principal relata suas vivências com o preconceito ao longo de toda a sua trajetória, da infância à vida adulta e profissional. A narrativa demonstra que o racismo independe da idade ou da ocupação, manifestando-se de forma persistente e estrutural.

**Figura 3** – Recorte da HQ “A cor me persegue”.



**Fonte:** Autores (2025), produção dos estudantes, dados da pesquisa.

A análise da HQ evidencia consonância com o que Lemos (2021) aponta acerca do preconceito racial, caracterizado como uma atitude discriminatória fundada em critérios arbitrários, como cor da pele, etnia, cultura ou origem racial. Essa mesma temática é reforçada na HQ *Pele e profissão*, que retrata o racismo no mercado de trabalho e o preconceito enfrentado por mulheres negras em cargos de liderança. Na narrativa, uma cliente branca manifesta indignação ao se deparar com uma mulher negra no estabelecimento, chegando a questionar sua presença, apenas para ser surpreendida ao descobrir que a jovem é a proprietária da loja.

**Figura 4** – Recorte da HQ “Pele e profissão”.



**Fonte:** Autores (2025), produção dos estudantes, dados da pesquisa.

Tais atitudes configuram-se como juízos prévios e generalizados sobre indivíduos ou grupos, frequentemente fundamentados em estereótipos associados à aparência física, à trajetória familiar ou a constructos culturais. Essa compreensão evidencia que o preconceito constitui a manifestação inicial de uma visão estigmatizante, tornando-se um dos principais alvos da Educação Antirracista e do Letramento Racial Crítico, cujo objetivo central é a desconstrução dessas estereotípias.

Essa análise dialoga com os achados de Neiva (2022), que também identifica, em pesquisas sobre histórias em quadrinhos e racismo, a presença recorrente de hierarquias raciais no cotidiano, evidenciando a permanência do racismo e de suas violências na sociedade brasileira.

O formato sequencial e autobiográfico de “A cor me persegue” reafirma o conceito de racismo como fenômeno sistêmico, reforçando a percepção dos estudantes de que não se trata de um evento isolado. A sucessão de quadros que retratam diferentes fases da vida do personagem — da escola ao ambiente de trabalho — funciona como uma denúncia contínua, utilizando a arte sequencial (Eisner, 2005) para materializar o peso da discriminação. A resiliência final do protagonista, que se recusa a ser definido pela opressão, representa a expressão máxima do protagonismo juvenil e do ideal de prática de liberdade (Hooks, 2024) promovido pela intervenção pedagógica.

No que concerne à oralidade nos quadrinhos, Ramos (2012) destaca que uma mesma palavra pode assumir diferentes formas gráficas — como negrito, itálico ou variações de tamanho — de acordo com a situação ou ação da cena, atribuindo-lhe sentidos distintos. Segundo o autor, quando a palavra assume diferentes configurações visuais, também assume diferentes significados.

A letra de forma tradicional, geralmente em cor preta e sem negrito, é a mais recorrente nas HQs; letras menores indicam falas sussurradas ou de menor intensidade sonora, enquanto o negrito sugere tom de voz elevado ou maior carga emocional. A intensificação gráfica também pode ser utilizada para destacar termos ou expressões, sem necessariamente indicar aumento de volume sonoro (Ramos, 2012, p. 56–57).

Dito com outras palavras, a escolha do tipo e do formato das letras — incluindo sublinhados ou fontes diferenciadas — pode representar variações linguísticas, emoções ou até outros idiomas, dependendo do contexto narrativo e da

intencionalidade do autor. Desse modo, “as histórias em quadrinhos representam aspectos da oralidade e reúnem os principais elementos narrativos, apresentados com o auxílio de convenções que formam o que chamamos de linguagem dos quadrinhos” (Ramos, 2012, p. 19).

Em consonância com a oralidade, encontra-se a escrita. Eisner (2010, p. 122) define-a como a “concepção de uma ideia por meio da disposição de elementos imagéticos e da construção da sequência narrativa e do diálogo”. Assim, escrever uma HQ configura-se como um processo singular, uma vez que o autor geralmente é responsável tanto pelo texto quanto pelas ilustrações.

Nesse processo, a imagem passa a funcionar como um enunciado passível de múltiplas interpretações por parte do leitor. Ao articular-se com a palavra, estabelece-se uma fusão que não apenas narra a história, mas também comunica diálogos, sons e outros signos visuais. Todavia, Eisner (2010, p. 121–122) ressalta que o texto da HQ deve conter, essencialmente, a ideia e a narrativa sob a forma escrita, incluindo diálogos e instruções que orientam a composição visual e a sequência da história.

Em síntese, observa-se que a maioria das HQs produzidas no Brasil, sejam elas nacionais ou importadas, apresenta uma predominância de personagens masculinos, brancos e jovens, conforme apontam estudos recentes (Lopes, 2012; Neiva, 2022). Esse dado corrobora a constatação de que a representação de personagens negros ainda é limitada no cenário das histórias em quadrinhos brasileiras.

Para encaminhar as conclusões desta pesquisa, destaca-se que a produção de HQs exigiu dos estudantes o domínio articulado da língua portuguesa — nos aspectos gramaticais e narrativos — em diálogo com elementos visuais, ampliando significativamente suas capacidades comunicativas e interpretativas. Ao utilizarem a linguagem dos quadrinhos para abordar temáticas como racismo, empoderamento e memória, os estudantes transformaram esse gênero em um veículo de afirmação cultural e crítica social. A atividade promoveu, assim, não apenas o letramento literário e gramatical, mas também a compreensão de como as narrativas visuais constroem significados e influenciam percepções sobre a sociedade.

## Considerações Finais

Os dados da pesquisa revelaram que o projeto Vozes em Quadrinhos se configurou como um instrumento potente de educação antirracista e intercultural, ao integrar arte, literatura, gramática e história afro-brasileira em uma prática docente comprometida com a cultura de paz e com o enfrentamento do racismo. Ao adotar a criação de Histórias em Quadrinhos (HQs) como metodologia, foi possível promover o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e sociais nos estudantes.

Ademais, a utilização das HQs, por meio de sua linguagem multimodal, proporcionou oportunidades de engajamento dinâmico, estimulando o aprimoramento das capacidades críticas e criativas dos participantes. As HQs produzidas abordaram temáticas centrais, como racismo, resistência, empoderamento e memória, permitindo que os estudantes se conectassem com suas identidades e com a história da população negra no Brasil.

A pesquisa apresenta contribuições relevantes ao evidenciar que a produção de HQs, articulada à Educação Antirracista, constitui uma prática pedagógica interdisciplinar e significativa, capaz de desenvolver habilidades críticas, criativas e sociais, além de promover a inclusão e a valorização da cultura negra. O projeto contribuiu, ainda, para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, no qual estudantes de diferentes origens sociais, inclusive de comunidades periféricas, puderam expressar suas experiências e refletir sobre suas identidades. O enfoque na educação em direitos humanos, no respeito às diferenças e na justiça social encontra-se no cerne da proposta, visando ao fortalecimento das identidades estudantis e à promoção de valores fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No que se refere às recomendações e implicações práticas, sugere-se a adoção de metodologias interdisciplinares e criativas nas práticas pedagógicas, tendo as histórias em quadrinhos como eixo estruturante para o trabalho com conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileira, conforme preconiza a Lei nº 10.639/2003. Projetos como o Vozes em Quadrinhos contribuem, ainda, para a consolidação de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, impactando positivamente o clima institucional e as relações de convivência. Além disso, a experiência analisada

oferece um modelo concreto e bem-sucedido de operacionalização da Lei nº 10.639/2003 de maneira inovadora e engajadora.

Recomenda-se, também, a institucionalização de projetos antirracistas no Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas, assegurando tempo, recursos e espaços específicos para sua execução — como mostras culturais, publicações digitais e bancos temáticos de HQs —, bem como a inclusão de orientações nos documentos curriculares oficiais que incentivem o uso de gêneros multimodais (HQs, podcasts, curtas-metragens) como estratégias para o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena.

Por fim, os resultados da pesquisa demonstram que as Histórias em Quadrinhos não se configuram apenas como uma atividade lúdica, mas como uma estratégia pedagógica consistente e validada para a implementação da Educação Antirracista, e além, configura-se como prática discursiva situada, atravessada por relações de poder e processos identitários. Suas implicações apontam para a necessidade de ações articuladas entre diferentes instâncias: o trabalho docente em sala de aula, por meio de metodologias intencionais; a gestão escolar, com suporte institucional; e as políticas públicas educacionais, por meio de diretrizes, formação continuada e oferta de recursos. Essa articulação mostra-se fundamental para transformar as normativas legais em práticas educativas contínuas e efetivamente transformadoras.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, Edwilson da Silva; MARTINS, Analice de Oliveira. **Não seja quadrado! Guia pedagógico para discussão do racismo no ensino fundamental a partir das histórias em quadrinhos - HQs**. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2026.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de. Dialogando com a linguagem visual das histórias em quadrinhos em sala de aula. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 6, n. 12, p. 303-317, jul./dez. 2013. <https://doi.org/10.30681/rln.v6i12.6890>

AZEVEDO, Igor; WEIRICH, Iandra Maria. Contribuições das histórias em quadrinhos no processo de ensino e aprendizagem de história. **Reflexão e Ação**, v. 33, n. 1, 2025. <https://doi.org/10.17058/rea.v33i1.19823>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 141-60.

DEFFUNE, Priscila Del Claro. **Quadrinhos em ação: o uso pedagógico das histórias em quadrinhos na formação de leitores**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Departamento de Linguística, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros Orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2019.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades Sociais de Raça em Estudos da Linguagem: Com Atividades Reflexivas**. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39-62.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

LOPES, Romildo Sergio. Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto, 2012.

NEIVA, Lucas Mello. **Deuses brancos, exploradores e selvagens: histórias em quadrinhos e imaginário racial no Brasil (anos 1930 a 1940)** 299f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022.

OECD. **Skills for social progress: the power of social and emotional skills**. Paris: OECD, 2015. <https://doi.org/10.1787/9789264226159-en>

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Andréia Pereira; NEVES, André Roberto Custódio. Quadrinhos, cultura e sociedade: contribuições das narrativas sequenciais para formação do leitor. **RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 20, p. e022002, 2022. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8667789>

SILVA, Lays Barroso da; ARAUJO, Gustavo Cunha de. A categoria “Histórias em quadrinhos na Educação” nas bases SciELO e Web of Science. **9ª Arte: Revista Brasileira**

**de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**, São Paulo, v. 13, p. e233251, 2025.  
<https://doi.org/10.11606/2316-9877.2025.v13.e233251>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das histórias em quadrinhos no ensino. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto E. (Orgs.). **Curso de história em quadrinhos: para educadores e pesquisadores**. São Paulo: Peirópolis, 2012, p. 25-34.

Recebido em 28/01/2026

Aceito em 12/06/2026